

Vitória de Macau contra os Holandeses, 1622

Jerónimo Rodrigues, S. J.

Em Junho de 1622, os holandeses
fizeram o mais sério e mais
violento ataque a Macau, convencidos de que

a cidade administrada pelos portugueses se renderia rapidamente. Contrariando estas expectativas, os macaenses resistiram e repeliram o assalto dos holandeses, sendo estes obrigados a retirar com pesadas baixas. A partir de então, a VOC tentaria encontrar outras alternativas para ter acesso aos importantíssimos mercados do Celeste Império. Diversos testemunhos coetâneos relatam o evento. Mas talvez o mais raro de todos seja o folheto da autoria do padre Jerónimo Rodrigues, originalmente redigido em espanhol, com o título *Relacion de la Vitoria que alcanço la ciudad de Macau, en la China contra los Holandeses*, que foi impresso em Lisboa, nas oficinas tipográficas de Pedro Craesbeeck, em 1623. Com efeito, o único exemplar conhecido deste opúsculo pertencia à colecção particular do historiador britânico Charles R. Boxer, que o divulgou em 1938, em artigo publicado nas páginas do *Boletim Eclesiástico da Diocese de Macau*. O texto fornece uma visão dos acontecimentos em primeira mão, já que o religioso jesuíta estanciava então em Macau, onde assistiu ao assalto holandês, tendo talvez participado nas operações militares, à semelhança de outros confrades seus.

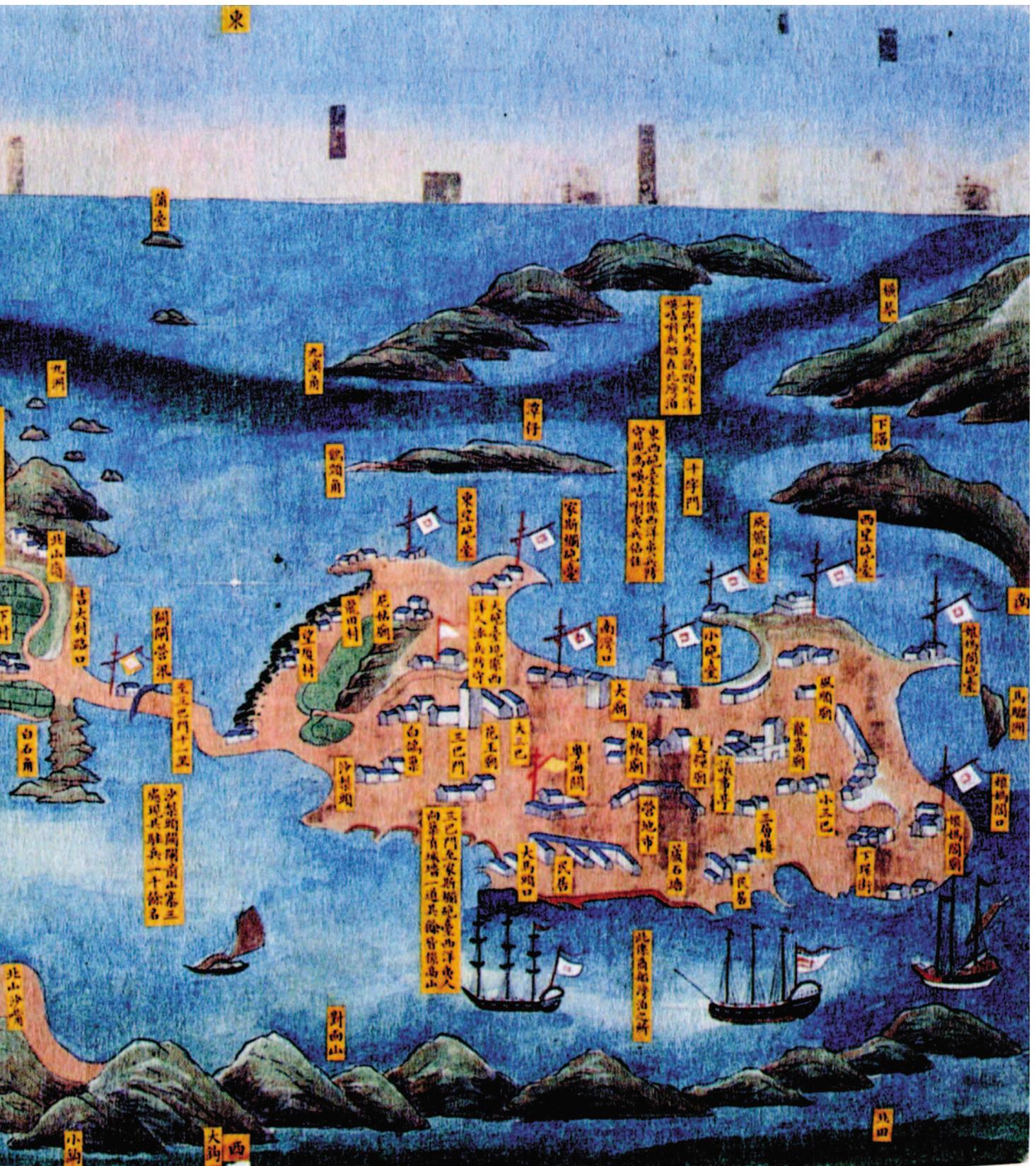
Fonte utilizada: *Relacion de la Vitoria que alcanço la Ciudad de Macao, en la China contra los Holandeses*, in Charles R. Boxer, *Estudos para a História de Macau - Séculos XVI a XVIII* [Lisboa: Fundação Oriente, 1991, pp. 92-94]. O texto foi traduzido do espanhol por Aldino Dias.

In June 1622, the Dutch undertook
the most serious and most violent
attack against Macao, convinced that the

Portuguese-administered city would quickly surrender. Countering these expectations, the Macanese resisted and held the Dutch at bay, forcing them to retreat with heavy losses. From then on, the VOC would try to find other alternatives to access the important markets of the Celestial Empire. Several testimonies of the time mention the event. Probably the rarest of all is the booklet authored by Father Jerónimo Rodrigues, originally written in Spanish, with the title *Relacion de la Vitoria que alcanço la ciudad de Macau, en la China contra los Holandeses*, and printed in Lisbon at the typographical workshop of Pedro Craesbeeck, in 1623. In fact, the only known copy of this work belonged to the private collection of the British historian Charles R. Boxer, who divulged it in 1938, in an article published in the pages of the *Boletim Eclesiástico da Diocese de Macau*. The text offers a first hand vision of the events as the Jesuit friar was then in Macao and saw the Dutch assault, likely having taken part in the military operations as many of his colleagues did.

Source: *Relacion de la Vitoria que alcanço la Ciudad de Macao, en la China contra los Holandeses*, in Charles R. Boxer, *Estudos para a História de Macau - Séculos XVI a XVIII* [Lisbon: Fundação Oriente, 1991, pp. 92-94]. The text was translated from the Spanish by Aldino Dias.

EUROPEAN ENCOUNTERS AND CLASHES IN THE SOUTH CHINA SEA II



Descrição de Macau (princípios do século XIX).

ENCONTROS E DESENCONTROS EUROPEUS NO MAR DO SUL DA CHINA II

Tocou-se nesta altura o sino da cidade e os homens que se encontravam distribuídos por diversos lugares vieram a correr, embora desorganizados e sem formação nem ordenação de milícia. E foi a providência de Deus, pois, da forma como andavam divididos, os inimigos não lhes acertavam com os seus mosquetes. E assim quis Deus dar-nos a vitória mais facilmente, pois quando o inimigo se encontrava próximo da cidade e perto da ermida de Nossa Senhora do Monte de S. Paulo, que fica toda sobre aquele campo, foi disparada uma peça [de artilharia] grande e depois outras menores, que mataram alguns homens do meio do seu esquadrão e o fizeram parar, e ao mesmo tempo reparar na grande quantidade dos nossos homens que se encontravam no vale que subia pelo monte até à ermida, que pelas costas os obrigariam a parar se eles quisessem avançar. E nesta altura já muitos dos seus, encontrando-se cercados, queriam voltar para trás ou, pelo menos, irem-se retirando. Consultando os capitães sobre o que deveriam fazer e não sabendo o que determinar, com pouca ordem foram marchando para a serra com esperança de conseguirem alcançar algum lugar alto onde se pudessem defender, juntando-se a duas bandeiras dos seus que começaram a subir de Cacilhas para a serra, a fim de conquistarem o monte de Nossa Senhora.

Vendo isto, os portugueses foram-se aproximando e, animados com boas palavras que no campo lhes diziam alguns religiosos, principalmente padres da Companhia [de Jesus], resolveram-se a dar Santiago neles. E fizeram-no com tanta determinação que muitos, abandonando os mosquetes, arremeteram de todos os lados e atacaram com espadas, no manejo das quais os holandeses são mais fracos do que os nossos. E este dia foi tão mau para eles, que não tinham levado as suas [espadas] por estarem muito cansados do calor e subida à serra, que é muito áspera, e os portugueses foram-nos atacando nos flancos com grande ímpeto, tendo os holandeses fugido tão desembaraçadamente que muitos deixavam as bandeiras e as armas e quanto tinham para ficarem mais leves. E desta forma chegaram à praia de Cacilhas, onde haviam desembarcado com diferente brio. As bandeiras que ali tinham ficado, vendo chegar os seus tão desbaratados, tentaram reorganizá-los, pelo que houve uma peleja muito renhida entre ambas as partes. Mas não podendo os holandeses suster o ímpeto dos portugueses, nem deter os seus, voltaram todos para

o mar, indo muitos a nado para chegar às lanchas. E fizeram-no com tanta desorientação e medo da nossa mosquetaria que os que levavam armas as deixavam cair na água, na qual com a pressa e o cansaço se afogaram mais de 90, e poucos menos foram aqueles que morreram no campo. E teriam sido muitos mais se os cafres e moços de serviço se não tivessem ocupado em os despojar e degolar a todos, como se o fizessem em honra de S. João Baptista, em cujo dia estes hereges tentaram profanar muitos templos de mosteiros e altares sagrados, como os há nesta cidade.

Contando os que foram deixados mortos no campo e os que foram retirados do mar afogados, passam de trezentos os homens que o corsário [holandês] perdeu neste combate, fora os outros que o mar ia atirando para a praia. E entre estes encontravam-se algumas das melhores companhias de soldados que eles têm na Índia, gente muito escolhida e exercitada na Flandres, que por despachos de serviços se diz que vinham a esta conquista como a coisa de muito proveito, pouco risco e nenhum sangue. Reegeram-se por informações antigas, cuidando que tínhamos menos gente, e não sabendo que, de há poucos anos a esta parte, casaram aqui muitos portugueses bons cavaleiros e capitães de bom lugar no serviço de el-Rei.

Dos seus, tirando três companhias, a maior parte eram homens do mar, e uma bandeira de japoneses, dos quais também morreram doze ou treze, não se sabendo o número de feridos, que não pode deixar de ser grande, porque enquanto se recolhiam às lanchas estavam os nossos a disparar sobre eles. Das suas bandeiras, que eram doze, foram deixadas cinco em nosso poder, e cinco tambores e uma peça de artilharia de campo, que tinham desembarcado. Acerca das outras [peças], não sabemos se se afundaram em duas lanchas que se inundaram com o peso dos homens que carregavam. Morreram quatro capitães e um foi capturado vivo. Entre alabardas, terçados e mosquetes são mais de mil as armas que foram recolhidas no campo e removidas do mar. Dos nossos morreram quatro portugueses, dois castelhanos e alguns escravos. Foram feridos vinte, que é um número pequeno, a despeito de durar a peleja mais de duas horas. Recolhidas as lanchas e patachos da praia, também se retiraram as duas naus que estavam a atacar a cidade e o baluarte, sem lhe terem provocado danos. E uma delas ficou muito mal tratada com as nossas balas, as

EUROPEAN ENCOUNTERS AND CLASHES IN THE SOUTH CHINA SEA II



Mapa de Macau dos inícios do reinado de Kangxi (1662-1723).

quais a atingiram muitas vezes, e se o mar estivesse agitado ali ficaria. No dia seguinte vieram com bandeira branca para tratar do resgate, não sabendo que dos seus só tínhamos vivos sete. A cidade respondeu que ainda não era tempo e, quando o fosse, dariam a resposta que julgassem ser mais ao serviço de Sua Majestade.

Bem consideradas as circunstâncias desta batalha, todos confessam que Deus nos quis dar a vitória e advertir esta cidade para que se murasse e fortificasse, como já vai fazendo, e os mandarins não o têm impedido até agora, por verem claramente que temos outros inimigos, dos quais tratamos de nos defender, e por não fazermos guerra aos chineses, como anteriormente, por natural receio, eles pensavam. Como prova disto, o aitão [*haidaofushi*], que é o seu almirante do mar, nesta província de Cantão mandou a esta cidade de presente duzentos

picos de arroz para os escravos, por lhe dizerem que no dia da peleja se mostraram muito valentes e fiéis aos seus senhores, os quais, por essa razão, deram liberdade a alguns no campo. Não a mereceu menos uma escrava que vestida de homem, e com uma alabarda, matou três holandeses. Podemos esperar grandes bens desta vitória, porque vendo os chineses com os seus próprios olhos que os portugueses são homens de guerra, quando não se queiram valer deles na que trazem contra o Tártaro¹, pelo menos os tratarão com respeito, querendo-os mais por amigos do que por inimigos. **RC**

NOTAS

- 1 A China Ming enfrentava então, nas suas fronteiras setentrionais, repetidos ataques dos manchus. Diversas vezes chegaram a Macau pedidos de assistência militar oriundos de Pequim.